

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



REVISTA LITERÁRIA DE

IMMORTALIZADO

ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário de Redacção

OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO
SER. 4.113



As trevas do Brasil



Ou o "Lampeão,, que ninguém consegue apagar

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, :::: Rua Formosa, 116 ::::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artistico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

P I M - P A M - P U M

RESULTADOS DA QUARTA SEMANA

Com 19 pontos:

Maria Alice, Manuel Monteiro, Eugénia Ribeiro de Freitas, Rosa da Purificação dos Santos,

Com 18 pontos:

António Alves, Jaime Lopes Coelho, Rui Manuel Marques Teixeira, António Artur dos Reis, Clé, Enor de Sá Gomes, Ramina ou Aromina.

Com 17 pontos:

Augusto António Soares da Cunha, Arnaldo Lopes, Joaquina Charneira Olha Pramisto, Rosa Branca, Rei dos Borlistas, Sezenem, Zecas Laines, Zé Zabumba, Rosalina Cunha, José Vaz da Silva, João A. Correia da Silva, Calus, Laura Ascenção Silva, A. J. A. R., A. Sequeira, Olívia Rocha, Pica Chouriços, Anastácio Rodrigues, Elmano Simas, Gracinda Queiroz.

Com 16 pontos:

António Alves, Amíl Ocirema, Alberto Coelho da Silva, Eduardo Lopes Vieira, José Marques, J. Loureiro Capelão 3.º, José Eurico 1.º, José Eurico 2.º, Mariazinha Ritazinha, Miguel Hipólito Rodrigues, Kike Praça de Vasconcelos Oonçalves, Virão Cempaus, Greta Garbo, A. Pereira da Silva, Aida da Conceição, Guicha, Mário Rito 5.º, Rei da Sorte, J. A. R.

Com 15 pontos:

Alvaro Meneses, Arlindo de Araújo Regalo, Artur Raul de Oliveira Marques, Bravo, Bonifácio Guilherme Silva, Chega-me Isso, Fernando Coelho da Silva, Foge que te agarro, Ercila, Falião Barrote, Gardina, Maria Fernandes Couto, J. Aidrac Arutnev, J. Loureiro Capelão 2.º, José Marques 2.º, Joaquim Ferreira da Silva, José de Mascarenhas, D. Luísa Machado, Manuel Duarte Ramos, Manuel Martins da Silva, D. Maria Ade-

lina Santos, Medeiros Martelo, Menino Manuel Júlio Teixeira, D. Maria Arminda da Conceição Silva, Tip Top, Zé Zécas Zécao, Cuco, E. A. de Sousa, Zequinha C., Sécoalho, Oscar da Silva, Rosa Martins de Jesus, Arierref, Maurice Chevalier, Mário Rito, Mário Rito 4.º, João A. da Rocha.

Com 14 pontos:

Irene Casimiro Barbosa Santos, Um ponto da Botica, António Alves 5.º, António Dias de Almeida, Mimosa de Jesus Leal, Francisco Odemiro Novais Carneiro (Diro), Maria de Lima Querida Reis, Ernesto Lacerda (Adreca), Francisco Oliveira Charneira, J. Loureiro Capelão 1.º, Belsai Belis, Chico dos Figos (Kikinho), Carmen Martins de Carvalho, Mazaruca, Alfredo Correia de Vasconcelos, Cardoso Pinto, Maria Júlia Martins de Lima, Dobrano, Um Preto que Tem a Alma Branca, Sua Ex.ª Eu, Homem de Gêlo, Esperança, Alfredo Correia de Vasconcelos 1.º J, Marques Anchão, Henri Garat, Amélia Pinto, Napoleão Bonaparte, J. C. Bareas, O Feliz, José Moreira dos Santos, Manuel Moreira Martins dos Santos, António Merino, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, O Sr. do Universo, Vencerei?, Secoalho, Madame Bovary, Maria Alice Emília, Maria Alves, Maria Helena Sousa, João Almeida, Inês de Brito, Rei Preto, Maria Laura Dias, Alice Armelinda Cruz, Berta Almeida Paiva, Maria Helena Rocha, Cristiano Santos, Júlio Magalhães, Emília Almeida, Arménio Martins, Maria das Neves, Maria da Ressucção, João das Crastas.

Com 13 pontos:

Manuel de Carvalho e Sousa, Adriano Emílio Fernandes, Farm, António Alves 2.º, António Alves 1.º, Luciano da Rocha, Maria de Jesus, M. Viana, Carlos José de Almeida, Manuel Tino, Maria Cândida Teixeira, Mínicó & Sandalha, Francisca Teresa Soares, Fra Dick, Maria Paula, José Manuel Moreira, Libertino, Mário António

Santos, José Braga, António Ferreira Gonçalves, José dos Santos Oliveira, Arsénio A. Nunes Pereira, Maria Dulquer, Greta Garbo, Saxias 3.º, José Martins, Kika, António Pires de Figueiredo, F. Leal Júnior, Astra, Rodrigo da Silva, Joaquim Moreira Martins dos Santos, Rei sem Trono, J. Ribeiro, António Vicente da Rocha, O Sol da Asia, Alvaro Moreira, Rômeu Pereira.

Com 12 pontos:

Francisco Fernandes, D. Afonso Henriques, Fan-Fan, José dos Santos 21, Index, José Marques 5.º, José Marques 4.º, José Marques 3.º, José Tavares Brandão, Arlindo Joaquim Pinto da Fonseca, Emília da Trindade Soares Colaço, F. Aidrac, Manuel Cardoso de Vasconcelos, José Mendes, Manuel da Silva Guimarães (Rei do Orco), José Rubens Martins, Manuel de Brito, Vitor José, Carlos Alberto da Silva Campeão, Granada Maneca, António da Fonseca Soares Júnior, Carolina Vasconcelos, O Sol da Asia 2.º, M. Ribeiro da Fonseca, José Ferreira Ramos, José de Barros, Emília Gonçalves, Mário Pereira de Carvalho, Tailleur 1.º, Cafaiete 2.º Manuel Alberto Teixeira, (Elmano XX), Anferre Esporão, O homem que nunca ri, José Pires, Manuel Carlos Maia, Orlando Lopes Fial, Mário Rito 2.º, Mário Rito 3.º, Zénabiça, Burrié, W. X., José Albertino Nogueira Alves 1.º, José Albertino Nogueira Alves 2.º.

Com 11 pontos:

João Tino, Emilio Tavares Vieira, Maria Adelaide Fernandes, Emídio Vasconcelos, João Manuel Jardim Aranha, Armando Carvalho, Carlos Alberto das Neves Teixeira, Pedro Ribeiro Colaço, Serafim Parente, Raul de Deus Real, Maria de Lourdes Quintanilha, Herculano Mendes, Manuel Marques de Figueiredo, Gubipilo, Maria de Lourdes Fernandes Noutel, Erico Brandão, Adelino Mendes Leal, José Loureiro, Hilário Albano, Brillhante, Mar Morto,

(Continua na 16.ª pág.)



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Leio no *Diário de Notícias* que se deu um grave conflito em Genebra, e no *Comércio do Porto* que houve uma desordem na Aguardente.

E ainda há quem condene a proibição das bebidas alcoólicas!

São bem contraditórias as notícias que nos chegam do Brasil. Segundo uns, as tropas revolucionárias do general Píla tem aumentado. Segundo outros, as mesmas tropas amotinaram-se porque, desde que entraram em campanha, ainda não viram cinco reis de pré.

Se isto é verdade, quem aumentou não foram as tropas; foi o Píla. Passou a ser... um píllo!

Do correspondente de Viana do Castelo para o *Diário de Notícias*:

«Não há quem desconheça a importância das feiras-francas, que drenam até Viana, à mistura com as mercadorias mais variadas, as moças mais belas e donairosas que olhos estrangeiros podem admirar.»

Não se me afigura de muito bom gosto isto de misturar as raparigas vianesas com as mercadorias mais variadas. Mercadorias, as moças? Vendem-se, então, com tanta facilidade? E terão, acaso, cotação segura no mercado?

Se assim é, teremos de ler qualquer dia nos jornais da pitoresca cidade minhota:

«No último mercado semanal, foram os seguintes os preços dos géneros: milho branco, 20 escudos; milho amarelo, 18 escudos; feijão grande, 22 escudos; ovos, 5 escudos a dúzia; raparigas, 50 escudos cada uma.»

E, por esta forma, atrevemo-nos a supor que elas, em vez de mercadorias variadas, venham a dar em... mercadorias avariadas.

Anúncio amoroso do *Primeiro de Janeiro*:

“28

«És a amiga de quem se não pode estar separado senão com tristeza. Que saídas... meu amor. Pensa sempre em ti o réu António.»

Se a rapariga tiver tantos *senões* como a carta amorosa que o seu António lhe endereça em letra de fôrma, parece-nos que não valerá muito a pena pensar constantemente nela. Mas isso é lá com o António. Se metemos a tesoura

neste pequeno, mas succulento naco de prosa, foi simplesmente por nos ter dado no goto o facto de o signatário se confessar réu. Lá está: «pensa sempre em ti o réu António».

Réu de que crime? Sabe-o êle. Mas, sem sombra de dúvida, um crime de gravidade. Se não fôr de coisa parecida, e cujo corpo de delicto só virá à luz do dia ao cabo de alguns meses.

Outro anúncio:

“Apartamento

«Precisa-o cavalheiro divorciado em casa particular, luxuosa, etc.»

Quasi todos os mal-casados se apartam primeiro para se divorciarem mais tarde. Este é depois de divorciado que solicita apartamento. E o mais interessante é que o pretende em casa luxuosa, — provavelmente um palácio.

Esqueceu-lhe apenas dizer se quer o apartamento no primeiro ou no segundo andar; e para que lado: se para a direita se para a esquerda.

Em Alvoco esteve às portas da morte um pobre camponês porque, a comer sardinhas, arranhou com um garfo o céu da bôca.

Para que os nova-yorkinos saibam: também cá, em Portugal, temos arranha-céus.

Complicada coisa o braço de Alijó, que a Câmara Municipal da mesma vila acaba de adoptar!

Nada menos do que isto:

«Armas de ouro com um castanheiro de verde arrancado de negro, acompanhado de duas tôrres de vermelho realçado de negro. Bordadura de negro, carregado de oito ouriços de castanheiro. Coroa mural de quatro tôrres de prata.»

Cinco côres, como veem: ouro, prata, verde, preto e vermelho. Seis tôrres. E oito ouriços. Não se pode dizer que os alijoenses amem a simplicidade.

Mas para que tanta coisa?

Explica-o a acta.

O ouro representa a riqueza local e a fé, fidelidade, constância e poder dos habitantes. O vermelho das tôrres significa a fôrça e as vitórias obtidas por Alijó. O negro representa a firmeza e a honestidade da terra. E os ouriços representam a principal riqueza local.

Ficamos sabendo, por esta explícita lição de heráldica, que Alijó é terra de muitas e boas castanhas, e que não há no concelho produção agrícola que se avanteje ao recheio dos seus ouriços.

... Tal e qual como Monforte do Rio Livre quando foi visitada, no século 16, pelo infante D. Luís. Dividiram-se os pareceres dos habitantes quanto à oferta que deviam fazer a sua alteza. Opinavam uns que se lhe dessem figos, — uma das riquezas da terra. Outros, que castanhas, — riqueza ainda maior.

— Castanhas não pode ser, porque estão ainda verdes — diziam os primeiros.

— Dão-se-lhe assim mesmo, dentro dos ouriços — conclamavam os segundos.

Venceu o partido dos figos, e lá foi o presidente da câmara, com uma farta bandeja de essa fruta, apresentá-la ao infante.

Sorriu êste da bagatela do presente e apresentou ao edil:

— Há então muitos figos cá na terra?

— Tantos, meu senhor, que até os damos aos porcos.

A grosseria da resposta indignou o infante, que ordenou despissem o homem e lhe atirassem, um a um, todos os figos da bandeja.

E a cada figo que se lhe chapava no corpo, o infeliz presidente murmurava:

— Olha se fôssem ouriços!

Tenham cautela os alijoenses. Se costumam ser visitados por personagens importantes, mais vale arranjarem um braço de sobreceleste, que tenha bêberas em vez de ouriços.

Marcial JORDÃO.



Arte de bem redigir

Para esta secção da MARIA RITA, que obteve um belfíssimo acolhimento, temos recebido inúmeros recortes e retalhos de se lhe tirar o chapéu.

Agradecemos ato dos remetentes, de joelho em terra; e na mesma postura pedimos desculpa de os não termos inserido ainda.

E' que a MARIA RITA nem sempre tem 32 páginas! Por isso, o espaço, que devia ser infinito, escasseia imenso. Consolem-se ao menos com a nossa mágua, e esperem, por favor.

Atrás de tempo...

Rés-do-chão

Balancete da semana

Soma e segue, no Rio, a agitação.
Vencem Rebeldes? Vencem Federais?
E a gente pensa, então:
— «Qual seria a razão
porque Deus fez os melros e os pardais?» —
Os dois versos finais são do Junqueiro,
mas cabem lindamente
no momento que passa brasileiro...
Vence S. Paulo ou Rio de Janeiro?
Se, no fim desta intensa salganhada,
pagassem a quem devem...
Pois sim! Mas estas coisas só se escrevem.
Fazê-las — não vai nada!

*
* *

Deliberou a Câmara do Pôrto
um aumento de preço, desde Agôsto,
na energia eléctrica.
Pobre consumidor! Já meio morto,
com tamanho desgosto,
capaz é de acabar, de forma tétrica!
...Pagar mais cara a luz? — Vai cair Tróia! —
Com ela ao preço actual, ninguém vê bóia;
treva pura, da côr do chocolate;
cem velas — mais de cem escuridões...
— O que vai ser de nós, se o Kw
passar a três tostões!?

.....
As mãis à luz nos dão quasi de graça;
o Sol de graça a todos alumia.
E, na hora que passa,
bem melhor não seria
uma reduçãozinha
na eléctrica energia,
que melhorasse a porca da vidinha?

.....
Com mais um gesto assim, filhos, tão mau,
veréis, em breve, o Pôrto do bom-tom
iluminado a velas de cacau
ou a velas d'Erbon...

*
* *

Apoderou-se, há muito, dêste vosso
amigo e servidor,
um mêdo de largar a pele e ôsso
sob uma dessas Parcas com motor
que giram pelas ruas da cidade
numa velocidade
de tirar dentes e queixais sem dôr...
Um avistando, entramos na agonia:
— «Lá vai para o major
«esta carcassa vil
«que só miséria escorre!
«Ai! Não foi desta, ainda! Ave-Maria!»

.....
Mas, não vês, imbecil,
pelos jornais, que tôda a gente morre
só de Necrologia!?

MARIARITADAS

Pousa aqui... pousa ali...

Nem que uma pessoa não queira,
tem de mexer nas coisas que são pouco
limpas.

Ora reparem os amados leitores neste
telegrama do «Diário de Notícias»:

«MANILA— Uma explosão de dinamite
a bordo de um barco que se preparava para
dinamitar os rochedos da foz do rio Kagawan
matou 13 pessoas.»

Depois do ditador Kaganovitch e
do literato Kagawa, aparece-nos o rio
Kagawan!...

Até parece, salvo seja, que estamos
a conjugar o verbo Kagawar!

Macacos e Macacas

Noticiaram os jornais que no Jardim
Zoológico de Londres um chimpanzé
se tinha suicidado, enforcando-se numa
árvore.

Que desgosto teria levado o nosso
antepassado a cometer êsse gesto de
loucura?

Seria a carestia da vida?

Encontrar-se-ia desempregado?

Ou quem sabe se êle se mataria para
se ver livre da sogra?

A nós quer-nos parecer que o pobre
macaco se suicidou por a mulher o ter
abandonado.

Deu-se com êle o contrário do que
se dá com a humanidade.

Matou-se por não ter a macaca ao
seu lado. E a maior parte dos homens,
matam-se por não se poderem ver livres
da macaca que tôda a vida os acom-
panha!

As repúblicas "di lá"

As repúblicas sul-americanas, para
imitarem os países europeus, andam
agora em zaragatas constantes.

A Argentina está alerta contra os
bolchevistas. O México já canta a moda
de «abaixo os jazuitas». O Uruguai...
ai, ai, ai, valha-me Deus! O Equador
não pode *co' a dor* das finanças avari-
das. O Chile pôs uma fita nova no
chapéu. E no Brasil, o S. Paulo anda
sempre à paulada por causa do café.

Não conhecemos santo mais revolu-
cionário. Livra!

E' preciso ver se o S. Pedro o mete
na ordem.

Faltava êste!...

Agora noticiam todos os jornais,
em letra graúda e visível a ôlho nu:
— «A agitação no Perú».

Rima e parece que é verdade.

O peru a agitar-se não é coisa que
faça admirar ninguém.

Quási sempre êles fazem isso antes
de serem mortos e comidos. E' o caso
de agitar antes de usar.

E se é certo haver perus que se
agitam, não é menos verdade haver
peruas tão agitadas... que até vão
parar ao aljube.

O Eléctrico-Mistério

e o seu verdadeiro itinerário

O eterno administrador do concelho da Rotunda, o decantado Dr. Severiano José da Silva, mais uma vez pregou uma das suas à Imprensa Portuense.

E assim, em vez de declarar o verdadeiro trajecto do primeiro eléctrico-mistério, andou às voltas com êle por S. Pedro da Cova, quando a verdade não foi essa.

A MARIA RITA disfarçada

Foi-nos vedada a entrada na *remise* às primeiras horas do dia 24; mas a MARIA RITA, que é do tempo do Valverde, levava dois trajes especiais para o necessário disfarce e desta maneira, entrou como chefe do movimento, que não tinha nada de revolucionário, e foi postar-se na plata-forma do

Carro 269

Pois era êste o verdadeiro eléctrico-mistério. Estava cheio.

O guarda-freio levava uma máscara contra os gases asfixiantes e uma mordaca em virtude de ser expressamente proibido falar com os passageiros. O condutor, êsse então, ia fardado de domador de feras e o alicate foi substituído por uma tranca de ferro por causa da união dos passageiros.

Foi o Dr. Severiano em pessoa quem deu o sinal de partida, depois de ter mandado desalojar com a máxima delicadeza dois passageiros que foram receber o bilhete ao Hospital da Misericórdia.

Como é o "mistério,,

Uma vez o carro em andamento todos os passageiros foram convenientemente vendados e o carro desatou a dar meia dúzia de voltas à Rotunda para desnortear, enquanto o revisor, o condutor, o guarda-freio, e o chefe de movimento cantavam aquela canção de rodinha:

A' redonda, à redonda, etc.

Depois destas seis voltas já os passageiros não sabiam para que lado estavam virados...

E então o eléctrico-mistério, toma o guarda-freio nos dentes e vai por aí fora desarvorado. Tiraram as vendas dos olhos aos passageiros. Estávamos na Boa-Vista.

São passadas quatro horas depois da saída da *Remise*. Há fome. Há sede.

Mas... regeneraram-se os corpos. Entramos no Campo da Regeneração. Alguns passageiros tentaram ir ao *metro*. Impossível. Vão as cancelas tódas fechadas. Mártires da Liberdade, etc., etc.

Depois visita aos monumentos da

cidade. A's quatro horas da tarde, deu entrada na Ponte o primeiro eléctrico-mistério.

O casario alveja. No rio há velas esvoaçando e Vila Nova está ali...

O Semicúpio da Serra

Uma vez do lado de lá, fizemos alto. Saímos todos. Era ali o final da nossa primeira viagem. Dirigimo-nos para o jardim da Serra, e aí, perante o monumento gótico em forma de semicúpio, é-nos feita uma prelecção em forma de sofisma pelo erudito Carlos de Passos que ia disfarçado em monumento antigo.

Do que êle nos disse sôbre o célebre *Semicúpio da Serra* e do que nos

confidenciou acêrca do não menos célebre *supositório* da Avenida, diremos no próximo número.

E quando regressávamos novamente para o eléctrico, sentimos pela primeira vez o verdadeiro mistério.

Que é feito do 269?

O carro já lá não estava. Tinha fugido. E era essa fuga que constituía o verdadeiro mistério do eléctrico.

A altura do

Bastos Monteiro

nada tem que ver com a altura em que êle tem conseguido colocar o SEGURO DE VIDA EM PORTUGAL.

Procurá-lo para tódas as informações na

Companhia de Seguros Comércio e Indústria

no Largo dos Lois - PORTO

PERFIS DO PORTO

XIV

JOSÉ CASSAGNE

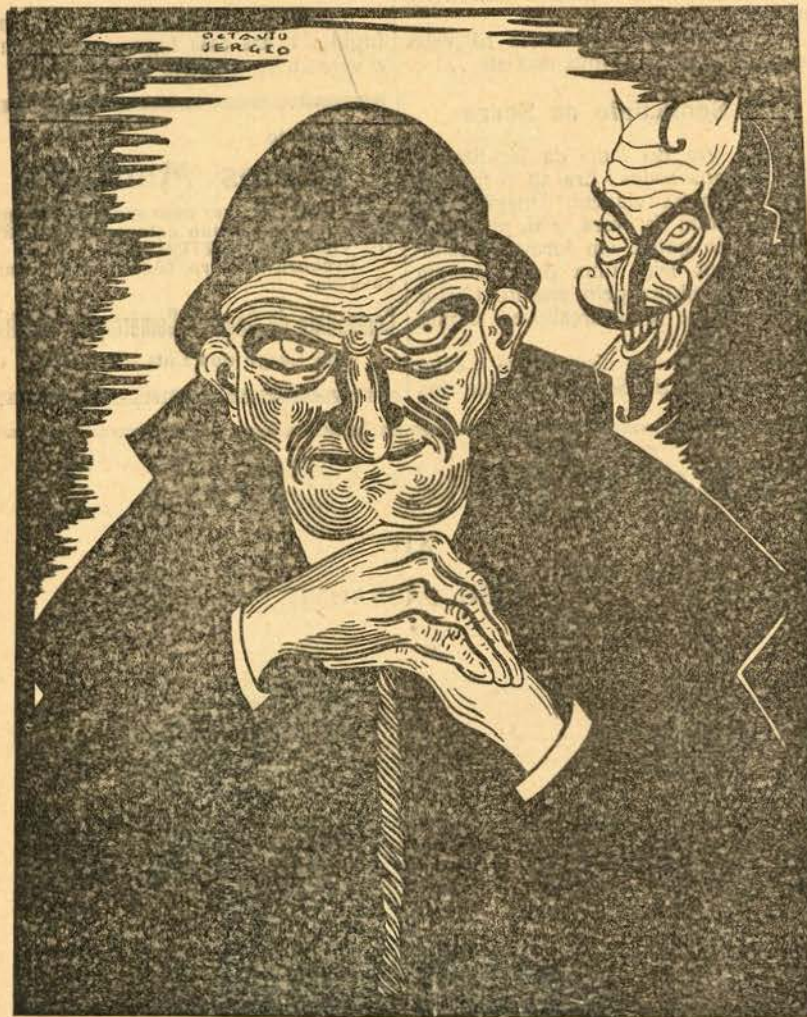


Um pianista da categoria dos pesados

A VIDA E A MORTE

XV

A VERDADE



O Diabo — Está bem, António; Deus é bom, mas eu sou a Verdade.

Posta restante

A. Cruz — A sua anedota não prima pela novidade. E depois, é um bocadinho, um bocadinho... Mande outra, faz favor, e lembre-se que os *linguados* só nadam duma banda. Valeu?

Rectificação radiófila

No nosso último número, e na secção *Crónica Anacrónica*, disse o nosso ilustre colaborador Marcial Jordão, que o serviço de retransmissão do sencional encontro de foot-ball de Coimbra, tinha sido feito pela emissora *Ideal Rádio*,

quando devia ter dito *Invicta Rádio*, pois foi ela de facto quem fez a irradiação.

Ao nosso particular amigo, sr. Henrique de Aguiar, proprietário deste pôsto, pedimos a desculpa devida.

Nem sempre a mulher é o flagelo que desfaz em nós o gosto de viver. Excepcionalmente, ela é a mais doce, a mais cara e a mais terna alegria do lar, olhando com todo o seu carinho e ternura por nós e pelos filhos.

—O dia de sol, a mulher bonita, e a rosa vermelha, são três coisas que mais encanto nos dão e nos fazem apreciar a vida pelo seu lado melhor.

ANUNCIOS

da MARIA RITA

Casa

Aluga-se uma esplêndida, na Vela dos Gatos (ao Barredo) em estilo português autêntico, com amplo terreno de lavradio nas trazeiras e magnífico jardim na frente.

Falar na mesma, das 16 às 18 horas.

Casal

De machos S. Bernardo. Lindas estampas, como os livros de contos. Esplêndidos para este tempo, porque se dão bem com o gelo.

Selos

De tôdas as espécies. Desde a espécie humana até à do Freire Gravador. Pedidos a J. Neto, do Pôrto.

Todos devem comprar, porque o selo não fica mal a ninguém.

Ferradura

Achou-se na quarta-feira passada. Estado de nova. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe. Mandar sinais e medida do pé.

Jazigo

Trespasa-se em lugar muito saudável, por motivo de morte do seu possuidor.

A

Adega Ideal do Lavrador

É a adega ideal do apreciador de bons vinhos

Vendas nas seguintes filiais:

Rua do Bomjardim, 361 e 363 (Esq. da Trav. do Libérras). Telef. 5517.

Rua das Fontainhas, 193 e 195.

Rua do Teatro S. João (Vulgo Clima de Vila).

Rua Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam). Telef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Forno de Magalhães, 53 e 55. Telef. 2484.

Largo Campo Mártires da Pátria, 54 e 55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Júlio Dinis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Banharja, 24 e 26 (Esq. da Rua dos Mercadores). Telef. 905.

Rua Anselmo Braancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 3 e 7.

Na **FOZ** — Rua da Senhora da Luz, 238 e 242. Telef. 314 — F02.

Em **MATOZINHOS** — Rua Conde S. Salvador, 71 e 73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 2.5 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos, a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA de vinho autêntico velho do Pôrto!

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Como não podia deixar de ser, iniciamos esta secção, que tem sido distinguida pelo público, com o celeberrimo

"Ecos de Cacia"

no qual iremos procurar alguma coisa. São do seu número passado os seguintes recortes, que fazem parte dum conto assinado pelo Sr. Francisco Ferreira Maia.

Isto são passagens duma carta à Judith desdenhosa:

.....
*Oh! como sou infeliz! Como são truca-
culentes, estas loucas da minha vida!
Dá ganas de arrancar o coração que,
mais do que nunca, pulsa por ti!*

Oh! Filho! Mas arranca! Arranca, que ninguém dá por isso.

.....
*Como terei forças, meu Deus, para
trilhar esta existencia dolorósissima, para
preparar o meu futuro, se só em mim, reina
a morte?*

Mas se há por aí tantas rainhas agora! Fica a gente com a impressão de que a existência tem rabo para poder ser trilhado.

E a carta termina assim:

*Tenho pejo de as deslizar pelo rosto —
e, no entanto, chorando, faze-me bem.*

E nós também choramos, porque as lágrimas, além do *faze-me bem*, são, como diz o autor numa frase novíssima, o *alívio sacrosanto dos que sofrem*. (Ele pôs sacrosanto com dois ss). Vamos agora transcrever um bocadinho apenas do resto do conto.

Como ele diz:

Descrever, embora sucintamente, o que se passou, então, creio poder prescindir-se. Analisar-se-á bem o contentamento de dois íntimos amigos que se encontram, depois duma ausência prolongada.

Olhei — o de alto a baixo, estupefacto: olheirente, horrivelmente magro, dava idéas do espectro da Morte.

— Estiveste doente?

*— Não! uma leve indisposição, qual-
quer coisa, contrariedades, eu sei lá! — res-
pondeu quasi agastado em voz debil, o
po-bre Octavio.*

*E daqueles olhos nostálgicos brotaram
duas lágrimas que elle, precipitadamente,
enchugou.*

*— Como te vim encontrar, meu amigo!
Um rapaz tam jovial, tam brincalhão!
porque e achas nesse estao?*

E um de ceu.

*Anastri o a um café,
Ele, então dispôs-se a narrar-me esta*

*história, por entre ofumo d'um cigarro,
sendo religiosamente escutado.*

*Tinha amado com loucura a bela loura
madeirense que o leitor conhece já. Uma
espécie de amor á Romeu e Julieta, im-
próprio do nosso século.*

*Por qualquer motivo, a pequena deixou-o.
Está-se a ver, o trévil despecho dum na-
moro actual — mas que o lá atirando para
a sepultura. Definhava-se a olhos vistos,
chegando a pensar no suicidio!*

E' preciso fazer justiça a Cacia e declarar que o cavalheiro que escreveu isto não é de lá: é de Aveiro. Se fôsse de Cacia, vejam V. Ex.^{as} o que seria!...

Passemos por alto o resto do jornal e vamos para a secção das *correspon-
dências*:

De Mataduchos e Alumieira

*Em um dos estabelecimentos comerciais
de Mataduchos, vende-se Bananas a 10 cen-
tavos cada uma...*

*E' aproveitar frêguezes, quem tiver o
aplite de comer o precioso fruto da terra
dos Macacos é só chegar-se á razão, porque
o seu preço é relativamente baixo o qual
todos podem comer banana! E dizem que
a vida está cara: Baratissima!!!*

C.

O' senhores! onde iria este homem estudar geografia! Só se fôsse lá na terra dêle; se calhar, é essa a terra dos macacos!

Pensando desta forma talvez a gente se chegue á razão.

De Angeja

O tempo

*Continua com grande laboração asta-
vouras temporans, que circulam esta Fre-
guesia, o que os nossos lavradores estão
muito desanimados com o tempo que tem
decorrido para os vinhedos.*

Depois desta bellissima tirada temos de chamar em nosso auxílio os tipógrafos, para jurarem a V. Ex.^{as} que o que fica acima era um recorte do *Ecos de Cacia*. Parece impossível que em meia dúzia de linhas se possa escrever tanta asneira sem ourar.

E agora só mais um bocadinho. E' da parte política do jornal.

Ele aí vai

*Todo o Governo, apôz a sua nomea-
ção, tomou conta das suas pastas.*

*Havendo em seguida um brilhante dis,
curço pelo Ex.^{as} Sr. Dr. Oliveira Salazar-
o qual foi muito correspondido.*

Abstemo-nos de comentários porque o assunto é sério; mas sempre

dariamos alguma coisa para saber como se pode corresponder a um discurso.

Deixemos por hoje o *Ecos de Cacia*, e vamos lá para

"O Progresso de Paredes"

que na sua crónica desportiva contava o seguinte, respeitante a um desafio de foot-ball.

*No fim foi oferecido aos nossos rapazes
um finissimo copo de água que deu em resul-
tado, durante a viagem escacarem a mascote
do grupo e outras peripécias interessantes.
Os rapazes do Estrela e sua Ex.^{as} Direc-
ção vieram-nos acompanhar até á Estação
sendo ali levantadas muitas hurras á par-
tida do comboto.*

Esta coisa de levantar muitas *hurras* à partida dum combóio, já não é novo. O que é novo, é que um copo de água consiga que durante a viagem se escape a *mascote* do grupo e outras peripécias interessantes. Ainda um dia havemos de tentar escacar uma peripécia.

Do mesmo jornal, e na secção do Estrangeiro:

*— Uma onda humana, constituída por
desempregados, avançou sobre a capital da
America do Norte... para matarem o tempo,
visto que não tem que fazer...*

Isto é que se chama viver *Paredes* meias com a boa-fé.

O que elles queriam matar, meninos, não era o tempo, era a fome.

O' senhores! Muitos *Ecos de Cacia* há por esse país fora!...



O PINTO Camiseiro

E' o ditador das modas
de camisaria no PORTO

R. dos Clérigos (Lado esquerdo quem sobe)

O testamento dos homens marotáveis da Pátria Portuguesa

O que a MARIA RITA conseguiu saber



O famoso testamento de D. Manuel de Bragança despertou na MARIA RITA o desejo, a curiosidade, a bisbilhotice de pretender desvendar quais seriam as últimas disposições feitas pelos nossos mais conhecidos e ilustres patriotas.

Com os seus óculos detectivescos e o seu patriotismo bem à vista, a MARIA RITA perfurou, indagou, perscrutou, e, imiscuindo-se na livraria poeirenta dos mais afamados notários, conseguiu tirar cópia exacta e fidedigna das últimas disposições feitas pelos homens



célebres d'este jardim da Europa à beira-mar encalhado.

O que D. Duarte Nuno deixa a Portugal

O primeiro testamento onde poisaram todos os olhos da D. MARIA RITA foi o do Sr. D. Duarte Nuno. Reza assim:
— «Não posso deixar nada a Por-



tugal porque não sei onde isso fica.

«A minha fortuna lego-a a minha tia D. Aldegundes, para ver se, com êsse dinheiro, consegue mudar de nome.

«Aldegundes não é coisa que se apresenta a ninguém!

«Para que os portugueses não digam que sou ingrato e dêles me não lembrei, deixo-lhes ficar as fôrcas onde espernearam, por ordem dos meus antepassados, muitos avós de netos que hoje já disso se não lembram.»

O Dr. Bernardino Machado fêz um testamento civil

Outro documento, que a nossa MARIA RITA teve a fortuna de encontrar e ler, dizia o seguinte:

— «Eu, Dr. Bernardino Machado, ex-presidente da República Portuguesa, faço as minhas últimas disposições:

«Desejo que o meu entêrro seja civil, acompanhado por civis e pela guarda civil, para que fique bem demonstrado que sou uma criatura civil... izada.

«O meu caixão terá tanto de comprimento como de altura, para que eu possa, durante o trajecto do funeral, tirar o meu chapéu a todos os amigos que me forem acompanhar.

«A fortuna que possuo deixo-a à minha família. E não deixo grande coisa. Porque se a fortuna é grande, a família ainda é maior.»

O testamento religioso do católico Nemo

O testamento do virtuoso súbdito Fernando de Sousa (Nemo), é do teor seguinte:

— «Padre-Nosso. Avé-Maria. Quem ler o meu testamento terá cem dias de indulgência, seguidos de quatro anos de penitenciária, ou na alternativa, cinco na costa de Africa. Dominus vobiscum. Amen.

«A minha fortuna não a herda ninguém, levo-a comigo no caixão, para o que der e vier.

«Desejo ir para o outro mundo numa carruagem-salão, que tenha restaurante e seja de via larga.

«A «Voz», que é a melhor coisa que eu tenho, deixo-a cá ficar em Portugal, por a não poder levar para o céu.

«Sim, porque se eu a quisesse levar, nunca mais lá chegava...»

O que o Dr. Afonso Costa lega à sua Pátria

O quarto documento que a MARIA RITA encontrou é uma peça histórica, cheia de patriotismo e de inteligência. Ora vejamos:

— «Não me esqueço da minha Pátria, embora eu seja um exilado voluntário. Já existiam os Voluntários do Pôrto, os Voluntários Portuenses e os Voluntários da Invicta. Pois bem. Agora exis-

tem também os Voluntários de Paris, dos quais sou comandante e chefe.

«Não faço testamento porque todos sabem que não tenho tempo para isso. Passo os dias e as noites a aconselhar e a socorrer, espiritualmente e monetariamente, os portugueses que se encontram em França e que por motivos políticos não podem regressar a Portugal.

«A única coisa de que posso dispor e que, com muito prazer, deixo à minha Pátria, — é o Dr. Germano Martins.

«Ah, já me esquecia: — Abaixo os jazuítas!»

O Dr. Brito Camacho dispõe do que é seu

O nosso padrinho, o ilustre jornalista Dr. Brito Camacho, fêz também, num dos notários de Lisboa, as suas disposições testamentárias:

— «Deixo a minha roupa branca aos integralistas para êles verificarem se está tôda nas devidas condições.

«Aos que em vida me chamaram porco, deixo três grosas de sabonetes para lavarem a consciência.

«A «Luta» não a lego a ninguém. Quero-a levar comigo, para lutar com o diabo, às portas do inferno, se êle me não consentir a entrada.

«Aos democráticos, que agora, já me chamam bom republicano, deixo um Zé Povinho das Caldas, a fazer aquele célebre gesto que lhe ensinou o S. Francisco».

O Sr. Homem Cristo não fêz testamento

Não foi possível à nossa MARIA RITA descobrir o paradeiro do testamento do Sr. Homem Cristo.

Procuramos o vigoroso panfletário e soubemos por S. Ex.^a que não tinha feito, nem fará, disposições nenhuma, nem sôbre a fortuna nem sôbre o funeral.

— E a quem deixa V. Ex.^a a sua riqueza? perguntamos nós — Então ninguém herda?

O temido jornalista e velho republicano, sorriu-se e respondeu-nos:

— Descanse! Tudo herda! Herda! Herda! E mais herda...

Júlio Ribeiro

O nosso ilustre e querido camarada no jornalismo e antigo senador da Re-



pública que Deus haja, tem um testamento de-veras curioso.

Ao seu particular amigo Carvalho da Silva deixa uma colecção de exemplares da *Montanha* com numerosos sueltos ao ex-deputado ex-monárquico.

Ao Dr. Santos Silva lega a parte disponível da sua farta cabeleira e um par de calças pardas, com a obrigação de êle as vestir quando tornar a ser Ministro da Instrução Pública.

Ao seu colega Seixas Júnior, um dos maiores jornalistas da hora que passa, espírito rasgadamente liberal, alma verdadeiramente filantrópica, lega uma gravura antiga representando Harpagão.

Nomeia seu testamentário o Sr. Henrique Santana, com a obrigação de êle no dia 5 de Outubro de cada ano dar um viva à República; e deixa expressa a vontade de que na campa fria lhe ponham um busto em tamanho natural do Sr. Dr. José Domingues dos Santos.



Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa

Como viveram sempre juntos, quais dois irmãos siameses, resolvem testar juntos.

Ao público do Pôrto deixam ficar tôdas as suas numerosas revistas, impressas em papel de linho, profusamente ilustradas.

Entre si fazem mútuas concessões.

Arnaldo Leite deixa a Carvalho Barbosa, se êste lhe sobreviver, a sua cota disponível e todos os seus rendimentos.

Por sua vez, Carvalho Barbosa deixa a Arnaldo Leite o remanescente do seu sempiterno *superavit* negativo, tão negativo como o de qualquer ministro...





O fecho da bola — Outros desportos

Agora, nestes meses, a bola foi apartada para o lado. Com o calor que faz, ninguém quer saber das bolas; todos procuram o ar fresco; e como o ar é produzido pela deslocação do mesmo, começam as corridas desenfreadas em tôda a parte.

Antes, porém, de começarmos a descrição delas vamos dar aos nossos leitores o último acepipe foot-bolístico.

Do nosso correspondente em Aregos

Aregos, 43 à sombra. — No dia 24, realizou-se um desafio de foot-ball entre dois *teams*, um de Aregos e outro do Moledo, tendo os rapazes de Aregos ganho à vontade e decorrido o desafio mais ou menos pacificamente.

O pior foi a assistência, que no fim quis fazer também, não foot-ball, mas um torneio mixto de box, tiro e saltos em altura.

Foi tão animado que houve feridos e algumas entradas no Hospital. Neste torneio ninguém ganhou, a não ser o farmacêutico da terra.

Como vêem, não valem de nada as águas sulfurosas para a cura dos males da assistência.

Em tôda a parte é a mesma mania de querer vencer a murro.

Corridas

A Rampa da Penha

Foi um sucesso! Não houve mortes, graças a Deus, e o restaurante lá de cima fez um figurão. O S. Torquato continuou murcho lá no fundo, e dei-

xou que o Sameiro ganhasse o segundo prémio.

O primeiro, desta vez, foi para o Marinho, que não teve colisões com as Paredes.

O Arsénio de Sousa não correu por falta de dentes na *segunda*. Consta que já mandou vir uma dentadura nova.

O grande Afonso Henriques não se fez representar por estar de luto.

As motos da Póvoa

E' o que se pode chamar uma corrida negativa, com sempre-em-pé e tudo.

Na categoria de *Sport* alcançou-se a média horária de 98 quilómetros; na de *corrida*, não se passou dos 94. Quer dizer: se chega a haver a corrida dos campeões, ninguém chegava ao fim.

Incêncio Pinto, como não conhecia a Póvoa, andou a passá-la de motociclete, e ficou muito admirado por ter ganho o primeiro prémio.

Da meia dúzia de Teixeiras que correram, nenhum chegou ao fim, a-pesar-de serem as coisinhas melhores que lá havia. Bonito foi o duelo entre Angelo Bastos e Mário Teixeira, aí sim! Nessas sete voltas, viu-se um bocadinho de corrida.

E para a outra vez, senhores da Póvoa e do Moto-Club: não custa nada a uns melhorar um bocadinho o piso do terreno, evitando assim que os corredores enjoem, e a outros um melhor policiamento da pista, onde os miúdos e as velhas faziam travessias constantes e arriscadíssimas.

Que, com a verdadeira polícia que lá estava (pouca, e muito dada ao desporto que se praticava) não se pode contar lá muito bem.

Na cara indolente do grande romancista precoce e em adiantado estado de putrefacção, desenhou-se um traço apagado, indelével, que vinha substituir, talvez, essa frase conhecida no meio comercial e académico: — «Sempre por bom caminho e segue...» — E sem mais satisfações, enchemos a nossa estilográfica no ingénuo tinteiro de Serapião Procópio.

— E' então uma entrevista, um verdadeiro atentado às minhas instituições?

— Mas... — atalhamos — V. Ex.^a tem quasi o dever de informar os nossos milhares de leitores sobre a sua vida, o seu passado histórico, a sua maneira de obrar...

— Pois bem! Vergo sob o peso esmagador do vosso jornal, começando por elucidar os amáveis cavalheiros do seguinte: Tenho um metro e sessenta de altura, temperatura normal, nariz regular, boca regular e algumas dívidas... também regulares.

«Enfim, todos os predicados para um escritor moderno que, modestia à margem, conta na sua biblioteca um milhar de opúsculos, todos em bom estado de conservação.

«Como comediógrafo, posso afirmar, sem vaidade, que possuo as obras mais do que primas, co-irmãs, do teatro greco-romano e luta livre; os dramas sentimentais são o meu fraco, podendo citar, por exemplo: «A baixa da libra», alusão astuciosa à «Queda dos Césares»; «O homem que não roubou a mulher do próximo», genial obra passada no Golfo da Biscaia.

«Em todos os meus escritos — não contando com os que estão nas janelas, eu brilho pelo colorido das imagens, pela acção educativa e conservadora que com tanta mestria apresento.

«Para prova da educação acima mencionada, basta citar o enredo do meu último livro, mas sem reclame:

«Um marido mata a esposa infiel, mas passadas duzentas e trinta e quatro horas é assassinado pelo amante da defunta. Anos depois, um filho das vítimas é encontrado pela policia de emigração a coleccionar joias que, muito honestamente, tirava das vitrines pelo conhecido processo do «conto do vigário».

«Escrevo de várias maneiras e posições: de cócoras, assentado... e até já fiz uma novela deitado!

«Naquela mesa encontram uma peça policial que...

Não ouvimos mais nada. O nosso entrevistado tinha passado mal a noite com uma forte indigestão de vinho do Porto, e daí a série de disparates que a sua boca proferiu.

Levantamo-nos enfadados com o insucesso da nossa visita e saímos, trazendo, como recordação, o velho cão vadio que, pelo cheiro, devia ser das Caldas...

José ROSADO.

Dr. Bernardino Machado

Este conhecido e ilustre político, que ora veraneia em Vigo, em uma entrevista que deu a certo jornalista de um certo diário republicano da capital, referiu-se com palavras elogiosas a uma caricatura sua, da lavra do nosso director artístico, salientando que a *charge* tinha muito espirito.

As palavras de Sua Excelência desvanecem-nos, porque dimanam de alguém.

Pena foi que o tal diário da capital ocultasse que o *jornal de caricaturas* em que vinha publicada a caricatura se chama por sua graça MARIA RITA e que o nosso caricaturista usa o nome de Octávio Sérgio.

CONTOS HUMORÍSTICOS

Um homem de letras

Naquela pálida noite de Novembro, enquanto nas ruas apagadas passavam as patrulhas hipomóveis, o jovem Serapião Procópio mais conhecido no meio literário pelo aristocrático nome «Facadinhas na Gramática», mergulhava a sua abalísada intelectualidade num caderno de papel aos quadradinhos (vulgo quadrículado) a dar os últimos retoques na crónica mensal com que, sob o majestoso título «Pasmagens desta Vida», colaborava na «Gazeta das Mulheres Imberbes do Sul e Sueste e Vice-Versa», publicação elegante em papel manteiga, contando cerca de dezasete assinantes no Continente e Ilhas Adjacentes.

A quasi semi-obscuridade do aposento não nos deixou inumerar o mobiliário e mais pertences, mas pela presença austera duma gata bicolor tiramos por conclusão o seguinte inventário: uma secretária do sexo masculino, — pinho da terra — duas cadeiras reumáticas, e um velho cão vadio, em louça, que deduzimos ser das Caldas, pelo cheiro. Como prestimosos jornalistas que somos, sacamos os inseparáveis linguados e, num cumprimento rasgado, próprio da nossa raça de navegadores, disparamos à queima-fato estas vulgaríssimas perguntas:

— V. Ex.^a passa bem? A familia, regular, bêbeda como sempre?!

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Num jornal de aldeia li há dias, como remate de um sumarento artigo, estas palavras lapidares: — «Em Portugal há talento para dar e vender».

Tu, MARIA RITA, és, às vezes, um pouco cruel para os jornais de aldeia. Por mim, adoro-os! Eles são, na grande fauna da imprensa, os últimos cordeirinhos, mansos e tédidos. Gosto do papel, em que certo morenismo de broa de milho sugere merendas rudes; gosto do «typo» arcaico, geralmente avantajado e redondo, — que lembra os vestidos recortados caseiramente, para as romagens; gosto das ambições locais por que se batem com denodo; gosto do mexicano de campanário com que cimentam a curiosidade dos fiéis leitores. Porque tudo, num jornal de aldeia, tem resscendências de aurora silvestre, de rosmarinho, de tojo em flor. São mangericos os sonetos sempre românticos, e sempre errados, e sempre sisseros, — do sobrinho do farmacêutico; sôbre a clâmide do praticante êle respeita a guedelha do vate; e ama, porque sempre ama, uma menina de teres que lhe corresponde contra vontade da família; canta-a, com transparência e teimosia, nesses sonetos incomparáveis, que leio fielmente; os rouxinóis da aldeia levam sempre água no bico... Também já conheço, pelo estilo, pela forma, o menino que anda nos primeiros anos de Universidades remotas e volta a férias; êsse, nutre pela aldeia que o viu nascer uma espécie de desdém que julga de bom tom, e a que se afa uma necessidade ferozosa de deslumbra-la. Escreverá, no jornal da aldeia, uma crônica elegante em que se fala da hora do chá, de vultos femininos embuçados em sêdas, de coisas cidadinas e caras; ou o artigo fortemente recheado de citações jurídicas, medicinais, (conforme o curso que penosamente frequenta); ou ainda a poesia «moderna», onde as rimas complicadas e raras tremem, como flores vernáculas, no débil esteio de versos mal medidos, torcidos a alicate, vazios de ideia como o arame de um cravo de papel é vazio de seiva. Não, MARIA RITA! Não digas mal dos jornais de aldeia, — mesmo que êles, como freqüentemente acontece, se publiquem na cidade.

Por mim, como te digo, estimo-os e lei-os. Hoje venho mesmo, (e perdoa o longo prólogo) responder a um dêles. Em Portugal há talento para dar e vender?

Não! E' mesmo, entre nós, um problema grave. Os portugueses são excelentes pessoas, e teem sem dúvida o talento para dar. Dão tudo, em todos os campos; dão prò ligamente, largamente. A região dos vinhos de pasto mais mimosos é mesmo, como é sabido, o *Dão*; colmeia de viticultores que de aqui a nada *dão*, de facto, o que cultivam — única forma de despejarem a adegã.

Quanto ao talento para vender — aí de nós! — é redondamente nulo. O português não sabe vender, não quer vender, e não vende.

Não são precisos grandes estudos psicológicos para o verificar; basta ir a uma loja.

Para um caixeiro português, tudo quanto está na loja em que serve, sejam botões de ceroula ou painelas de alumínio, forma um precioso aglomerado de coisas de estimação que êle defende, com avareza de colecionador, das investidas de um parasita indesejável, de um intruso ambicioso, de um pretendente incômodo: — o freguês.

Atrás do balcão, o caixeiro luso sente-se investido nos sagrados misteres de um defensor de barricada. Pode o dono da loja estar descansado; de ali, por vontade do seu fidelíssimo Centurião, ninguém leva coisa alguma nenhuma.

Vai tu, MARIA RITA, perguntar a um caixeiro se tem uma sêda côr de rosa com 80 centímetros de largura. Olha-te, desconfiado; responde-te que se acabou, que já não há, que está à espera; — tudo, menos trazer-te uma sêda

que tu estás de ali a ver com os teus olhos, e que, tendo afinal 75 centímetros de largura, te serve perfeitamente. Precisas tu de erguer, ameaçadora, a sombrinha, apontando o que queres. E então, triste, êle desdobra com saudade a peça que tu apontaste; mede, contrariado, os metros que tu lhe indicas, convencendo-te de que com menos 25 centímetros do que o que pedes teria de sobra para a saia que premeditaste; escrevinhara, fúnebre, contas intermináveis; rubricará, com brusquidão e zanga, talões numerosos; retardará, quanto puder, trocos e moedas; envolverá em papel a tua compra, com a morosidade comovida de quem amortalha uma ilusão. E tu sairás, vagamente contrafeita, vagamente tocada de remorsos, como se tivesses ido a casa de um poeta amoroso, escortanhar, com uma tesoura iconoclasta, a fralda da camisa da sua Musa!

Vender é uma arte; uma arte que em Portugal não tem cultores.

Vou contar-te, para contraste, o que em Paris me aconteceu com um pente.

Tendo perdido, na viagem, o que levava, descí do meu quarto à rua (era nos quietos arredores da E'toile) e entrei no primeiro barbeiro. Num francês que comoveria Racine, perguntei a uma quarentona escarolada se tinha um pente, estreito, amarelado, de um material fixe, que ao meu celibato não repugnava. Com o seu melhor sorriso, disse-me que não, que já não tinha dêsses velhos pentes; tinha outros, melhores, mais modernos; e trouxe-me logo uma carteira de pentes de celulólido, largos e pretos, com que eu embirrava. Revirando um, dissertou, com leveza, sôbre a história e a evolução do Pente. Que não comprasse; que talvez ainda encontrasse em Paris pentes como o que procurava, embora a França, no seu claro e alto saber, tivesse evoluído para aquele pente, que era, para a minha cabeleira magnífica, exactamente o que convinha.

Num minuto, ela fez com que eu me sentisse vexado, descivilizado, descortês, — se não comprasse aquele, o único Pente do mundo que, sem eu o saber, a Providência me destinara, e para mim polira.

Comprei-o, sôfregamente. E, com uma gratidão feliz, não podendo sair daquela loja milagreira em que tudo fôra criado para mim, comprei um frasco de brilhantina expressamente feita para as cabeleiras ondea-las, loiras, e de risca ao lado; um creme para pôr na cara tôdas as manhãs, que facilitaria, justamente, à minha pele sensível, o penoso martírio do barbear; uma loção cujo único destino era manter o viço, a côr, a forma, a beleza, a exuberância, não de qualquer coiro cabeludo, mas sim, e só, do meu.

Acabei por me sentar numa cadeira, — a-pesar-de ir daqui tosquidinho de fresco — para dar ao corte do meu cabelo um geito que definitiva e reluzentemente me integrasse na Cidade-Luz.

E quando, ao fim de ser durante 20 minutos um Rei a quem súditos pressurosos serviam, chegou o instante do toque final, — de uma gavetinha maléfica, boceta de Pandora capilar, prenhe de realidades melancólicas, surgiu, para domar e pentear «a minha cabeleira magnífica», — um Pente, o Pente que eu procurava, e que sempre era o melhor, o mais sólido, o mais prático, — na sua clara essência de material criado por Deus. O Pente de que se serviam todos os cabeleiros de Paris. O Pente que, por acaso, — não estava à venda na loja.

E' que a arte de vender, — ignorada entre nós — cifra-se em Paris, sua pátria, neste proverbio: — «Cada um vende o que tem; — e o freguês... não é a mais obrigado».

Muitas saúdes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Amor... civilizado

Quarto de dormir à oriental. Muitos «cousins», uma mezinha baixa, um grande divan, luzes veladas, da côr da carne.

ELA, de braços nus cercando o pescoço dêle, olhos nos seus olhos, envolta num lindo roupão azul onde um pavão esvoaça:

Nem calculas quanto te amo! Vivo para ti, apenas! Penso pelo teu cérebro, vejo pelos teus olhos! E tu... Tenho a impressão que vai declinando o teu amor por mim!

ELE, em pijama de sêda negra, olhando-a enlevado:

Declinar, o meu amor por ti! se êle está, para a tua pessoa, numa progressão geométrica... aumenta à medida que os dias passam...

ELA, ouvindo-o, de olhos semi-cerrados:

Lisongeiro! Mas pode aumentar-se uma coisa que sempre me disseste ser infinita?

ELE

Pode, sim! A cada momento encontro em ti um novo encanto, alguma coisa inédita que mais me prende a ti!

ELA

Também eu! Cada vez te acho mais forte, mais belo, mais o orgulho desta paixão que é tôda a minha vida!
(abraçam-se demorada, perdidamente)

ELE, num repente, desprendendo-se, de olhos onde brilha um claro estranho:

Ouve, meu amor! E se nós, para tornarmos eterno, indissolúvel, êste nosso afecto, nos casássemos?

ELA, gelada, num encolher de ombros desdenhoso:

Casarmo-nos! Quebrar o encanto desta ligação que dura há tantos anos!
(com um ataque de choro)
Ah! Bem se vê que já não gostas de mim!

Dr. KNOX.

No café Monumental

Uma homenagem ao F. C. P.

Os proprietários do Café Monumental, — casa que freqüentamos desde nascença e cujo café nos parece uma bebida de deuses, — homenagearam, há dias, com um magnífico copo de água, o grupo do F. C. P., campeão de Portugal.

A nossa MARIA RITA, largamente representada por um dos seus directores, fez ouvir a sua linda voz de soprano dramático, cantando, com um entusiasmo involuntário, o novo *one-step* de Horácio Borges:

*Ála-ála-arriba
pelo Pôrto*

e pelos nossos Campeões!



Para o mote

*Mariano diz que tem
O que há muito já perdeu.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Não lhe dou o parabem,
Porque julgo não tem nada!...
A hipótese levantada.
Mariano diz que tem!...
Mas o que? Algum harém,
Para as ter, como em museu,
Julietas d'um Romeu?...
Outra coisa, pois, não acho,
Que este tipo dê despacho
O que há muito já perdeu!...

Alfredo Cunha (RAZA).

Diz o nosso «Mais Além»
Que quem nos vence é o cubismo,
Mas, sobre o que é futurismo,
Mariano diz que tem
O que não tem mais ninguém.
O Carvalho é um judeu,
O Arnaldo um fariseu,
Foi do Octávio a facanha,
Segundo diz «Artimanha»,
O que há muito já perdeu.

TÓNIO.

Namoradas mais de cem;
Uma quinta em S. Romão;
Sete calças de algodão,
Mariano diz que tem....
Foi mais feliz que ninguém!
Mas tempo já decorreu...
E já tudo isso morreu...
Hoje está feito um velhinho.
Chora agora coitadinho,
O que há muito já perdeu!...

VIOLETA.

A-pesar-de sem vintém
Não julgue: MARIA RITA,
Quando êle vai p'ra fita
Mariano diz que tem,
Geitinho como ninguém
Foi coisa que lhe nasceu
Da mãe que o... deu,
Ao mundo, p'ra vida triste
Não tem aquilo que existe,
O que há muito já perdeu.

M. LAVILE.

Não pode ser, não está bem;
Em tal ninguém s'acredita,
Pois diz-me MARIA RITA
Mariano diz que tem.
Esta não cabe em ninguém,
E quem tal mote escreveu,
Garanto-vos, digo eu
Não usa cartola alta,
Deus lhe dê o que lhe falta,
O que há muito já perdeu!...

Rei sem TRONO.

Quando fala com alguém
Quer na rua, quer em casa
E com os olhos em brasa,
Mariano diz que tem
Mais azar do que ninguém!
Mas inda há mais meu Romeu,
Inda mais te afirmo eu:
Ele em sua carantonha
Também já não tem vergonha,
O que há muito já perdeu....

(Aveiro).

Quim MOSQUITO.

Zé Manel Martins Belém,
Rapaz esperto e travesso,
«Notas» com muito aprêço
Mariano diz que tem;
O mesmo não tendo bem
O Estêvão, pois não deu
Nem dá este ano o liceu,
Por não ser muito aplicado
E lhe faltar — Oh! Coitado!
O que há muito já perdeu.

(Ceia).

CAURA.

Uma quinta em Sacavém,
Grandíssima e bem bonita,
Moçoila muito catita,
Mariano diz que tem.
E vá lá dizer-lhe alguém
Que é mentira o dito seu?!...
Arremessa co'o chapéu
De danado para o chão
E diz, chora, com paixão,
O que há muito já perdeu.

T. das OLIVEIRAS.

E' mais forte do que cem,
Segundo o que ouvi dizer,
Mas p'ra êle se entreter,
Mariano diz que tem.
Na sua mente retém,
O vigor que já foi seu,
Mas foi chão que uvas já deu
Segundo o que está provado,
Não pode ter mais voltado,
O que há muito já perdeu....

Delfim de FREITAS.

Ando têso, sem vintém,
Doença de longa data
E' verdade seu patarata,
Mariano diz que tem.
E' mentira, nota bem,
Que a-pesar-de ser judeu
E' um grande camafeu.
Dizem que tem dinheiro
Mas não empresta ao parceiro
O que há muito já perdeu.

REIROBI.

Mariana, disse alguém,
Tinha saias de veludo.
Mas como se inverteu tudo,
Mariano diz que tem
As ditas saias também,
E cuecas, creio eu,
Com rendas que a avó teceu.
Só não tem o gabirú
Bem guardado no baú,
O que há muito já perdeu!

(Aveiro).

OLEGNA.

Ter o juízo mui bem
Lá no sítio segurinho,
O que é muito rarinho,
Mariano diz que tem.
O que diz não se escreveu
Porisso duvido eu,
Embora seja espinhoso.
Julga que tem, o manhoso,
O que há muito já perdeu.

Zé MARIA.

Disse-me há dias alguém
Ao ouvido, mui baixinho,
Que um lindo «passarinho»
Mariana diz que tem.
Eu lá isso não sei bem

Porque nunca a ver m'o deu...
A mim só me prometeu,
Com os olhos a chorar,
Que iria procurar,
O que há muito já perdeu....

SEPOL.

A-pesar-de saber bem
Aquilo que ela fez,
E que foi mais que uma vez,
Mariana diz que tem.
Primeiro foi um vintém,
Depois que o diga eu
A quem tanto prometeu
Fazer entrega de tudo,
Para ver por um canudo
O que há muito já perdeu.

Zé do NORTE.

Não acredite ninguém,
E' impossível já ter,
P'ra melhor nos convencer
Mariano diz que tem,
Não lhe resta um só vintém
Pois tudo que tinha deu
Até o que me prometeu
Coitado, não pode dar
Pois não torna a encontrar,
O que há muito já perdeu....

LIZÉ.

Chegaste a tempo, ainda bem,
Vais saber uma novidade,
Que para te contar na herdade,
Mariano diz que tem.
Mas não a contes a ninguém,
Seja o maior amigo teu.
Nem ao teu pai, nem ao meu,
Nem à tua mana Maria,
Que deu a alguém um belo dia,
O que há muito já perdeu.

Rutra SEUQRAM.

Dona Angela disse a alguém,
Assim, muito em segredo:
Talvez porque tivesse medo,
Mariano diz que tem,
Desde a barriga da mãe,
Desde que ela à luz o deu.
Esse maldito judeu,
Que me põe tóda a ferver,
Como quer passar por ter,
O que há muito já perdeu?

Rutra SEUQRAM.

Do mote anterior:

A Mari-Rita é brejeira
Com os motes a glosar.
Bem medi-los e rimar
Sabe a Rosa costureira.
As glosas que põe na feira,
E diz a Rita com pose:
Ora vá, vá, ora glose,
Mas não se deve esquecer
Que cada um deve saber
As linhas com que se cose.

TÓNIO.

Que valente linguaeira,
Que mestra em bisbilhotices;
Tóda a casta de intrujices,
Sabe a Rosa costureira....
Armada em coscuvilheira,
Todo o enredo descose...
Não há ninguém que não rose
Ouvinho a bisbilhotar!...
Embrulha e torna a embrulhar
As linhas com que se cose....

ORQUÍDEA.

Mote para o próximo número:

*Quanto mais se paga a luz,
Tanto mais a luz se apaga.*...

Dentro em breve a MARIA RITA abrirá entre os seus glosadores um formidável concurso, com prémios de valor.

Quem é?

Não tem chfcara, e é Pires. Nababo? E' um Nababão! Com tantas jovens à volta, até parece um sultão.

Para bem "rivalizar", gasta a massa necessária. P'ra findar, a profissão: Sogro de casa bancária...

Micas II.

Anexim

O Ludovino Pevide deu um vestido à Joaquina, um chapéu que era obra fina e uns sapatos do David...

Em paga, um outro aparece e a Joaquina bate as asas. Diz Pevide, ardendo em brasas: — "....." (?)

ZARATRUSTA.

Decifração do número anterior: *Quem é?* Aurora Jardim Aranha — *Anexim* — Mais vale um toma, que dois te darei.

Metadores — Brancuras, Rei do Xispe, Ba-tráquio, Toneca Barbas, Rei do Jazz, Cardial Mina, Rei dos Borlistas.

CAFÉ CAMPEÃO

A conhecidíssima *Casa Holandesa*, que está ali mesmo à mão de semear, na Rua Fernandes Tomaz, e que é pertença da simpática firma Walde-mar & C.^a, teve a amabilidade de nos mandar um *shoot*.

E podemos afirmar que esse *shoot* foi tão certo, que temos metido *goal* todos os dias depois do jantar.

E' que o *Café Campeão* é de tal forma gostoso e tão bem torrado que faz lembrar Coimbra no dia do em-pate Pôrto-Belenenses.

Com certeza o simpático capitão do grupo de honra vinha tão *moldo* do esforço e tão *torrado* do sol, que se lembrou do café. Obrigadinho.

LEITE DA QUINTA DO BESSA

Como vêem, assim fica um almôço completo. Café com leite.

Pois dêste último alimento, se não recebemos a amostra, recebemos um amável convite para o ir provar à saída da pipa.

O Sr. António de Bessa Ribas teve a amabilidade de convidar a MARIA RITA para a sua quinta, e ela qualquer dia vai ter o grande prazer de tomar leite sem água.

Para êsse fim destacamos o nosso director Arnaldo cujo, que é um artista em qualquer prova sem baptismo.

Nem acuses nem reveles...

Tinha grandes qualidades o meu Simplício, herdados do pai juntamente com um magnífico reumatismo e mais cem obrigações da dívida externa.

Alma aberta a tôdas as desditas, pagava com as obrigações da dívida as dívidas que os outros se obrigavam a fazer. E de tal maneira se desobrigava dêsse encargo, que se viu obrigado a contrair dívidas internas, quando já lhe não restava nenhuma das externas!

Foi por essa altura que êle se lembrou que havia gente com o mau gôsto de se dedicar ao trabalho, vício pernicioso que tem causado a morte a milhares de pessoas e só tem servido para engordar aqueles que não trabalham.

* * *

De tôdas as boas qualidades que ornavam o esqueleto moral do Simplício, duas avultavam por tal forma que deixavam as outras na penumbra: a bondade do seu coração e o silêncio verdadeiramente religioso que guardava sôbre qualquer segredo que lhe tivessem confiado.

Nunca o Simplício acusou fôsse quem fôsse, nem tampouco a sua bôca se abriu para divulgar assunto de que lhe tivessem pedido sigilo.

E, caso curioso, foram estas duas brilhantes facetas do seu bem formado coração que o não deixaram vencer na vida quando o Simplício se quis empregar para dar de comer à mulher, aos filhos, aos ratos que andavam pela cozinha e a um papagaio asmático que, depois de ter comido o cadeado, se entretinha, para matar a nostalgia e a fome, a dar bicadas nas pernas das cadeiras, que eram de massaranduba. Saúdades da pátria, coitado!

* * *

O primeiro emprêgo que o Simplício obteve foi o de ajudante de guarda-livros.

Logo no primeiro dia o patrão e os colegas engraçaram com êle. Achavam-no bom rapaz, trabalhador, submisso, es-perto e, sobretudo, uma bela alma.

Enquanto o Simplício lidou com os livros a coisa correu *sur des roulettes*, (sôbre as roletas) como dizem os franceses.

Porém, um dia, adoece o rapaz que fazia a correspondência e escolhem-no para ir substituir o colega.

Foi o diabo!

— "Seu Simplício, — diz-lhe o patrão, estendendo-lhe um maço de correspondência, — aqui tem estas cartas para acusar."

O bom coração do Simplício revoltou-se! E olhando para o chefe com os olhos da alma, — porque todos os outros lhe tinham saído fora das órbitas, — respondeu:

— "Eu sou incapaz de acusar seja quem fôr, ouviu? Se o patrão quere que lhe defenda as cartas, defendo, mas acusá-las, nunca!"

Ora foi assim que o Simplício perdeu o primeiro emprêgo.

* * *

Ele era lá capaz de acusar alguém! E revelar um segredo?

Isso revelava êle!

Quis o destino, — ingrato e retorcido destino! — que o Simplício arran-jasse o seu segundo e último emprêgo numa fotografia.

Tinha habilidade para tirar retratos, lá isso tinha; mas ignorava por completo tôdas as outras operações a que era preciso submeter a chapa, até a fotografia ser entregue ao cliente.

Só esteve um dia empregado o pobre do Simplício!

Na manhã do segundo dia, quando o gerente da casa lhe mandou revelar uma chapa, o nosso homem empalideceu, e com as lágrimas nos olhos, ante-endo já o ôlho da rua, declarou com o coração na bôca:

— "Tenha paciência, meu gerente, mas eu sempre fui um homem de segredo e não revelo coisa nenhuma a ninguém. Antes quero que me matem do que revelar seja o que fôr.

LEIDOAR.

IMPRENSA

DETECTIVE

Com o seu número 26, completou meio ano de existência o nosso colega lisboeta "Detective".

Semanário das grandes reportagens, impõe-se à admiração e preferência do público, pela sua perfeição técnica, e pelo brilhantismo das suas secções. Os nossos desejos de mais uma dúzia de meios anos.



COISAS DE FORA

Boletim meteorológico

A influência das correntes sublunares inferiores, trouxe às mais altas camadas atmosféricas um segundo movimento de atracção poderosíssimo.

Conseqüentemente, os pólos ressentiram-se, provocando fortes abalos sísmicos no centro da terra, inundando os pólos na razão directa das massas do globo e na inversa do zenite e Capricórnio.

Em linguagem simplificada, para que os leitores atinjam perfeitamente a decisão dos maiores sábios e astrónomos, europeus e asiáticos:

O Verão continuará pluvioso até ao próximo Inverno, quadra em que as chuvas se farão sentir grandemente na Península Ibérica, no Indústão, na Sibéria, Groelândia e, possivelmente, nas Ilhas Sandwiche.

Saraçoano JÚNIOR.

POR ESSE MUNDO

Espanha

Madrid, 29—Parece muito próxima a queda do trono espanhol, sendo inevitável a proclamação da República.

Afonso XIII, que ainda ontem foi muito vitorioso pelas Esquerdas, sofreu hoje um desacato, ao passar pela Puerta del Sol, a cavalo; um numeroso grupo de republicanos históricos, cercandoo, obrigou o monarca a dar um «viva a República!» espontâneo, — grito que Afonso XIII se recusou a soltar, a fim de evitar complicações com o Governo Provisório.

Aguardam-se ansiosamente, tumultos — (Havas).

França

Paris, 29—Reina grande entusiasmo nos operários construtores da Torre Eiffel, pelo 140.º aniversário da erecção da mesma.

O Sr. Presidente da República presidiu à festa da Inauguração da Piscina para operários sem trabalho, sendo muito vitorioso.

As últimas chuvas tem inundado o Sena, receando-se um movimento subversivo dos «camelots du Roi» — (Havas).

Itália

Roma, 29—Sua Santidade recebeu em audiência um grupo de peregrinos, a caminho de Jerusalém. Estes ofereceram-lhe uma colecção de discos da Schola Cantorum, brinde que S. S. abençoou, fazendo traduzir os referidos discos pela orquestra da Capela Sixtina.

Implacável



Êle—Sinto-me capaz de a perseguir por toda a parte.

Ela—E eu vou para uma terra onde os homens sejam obrigados a trabalhar.

Encontra-se doente o Duce.—Parece tratar-se dum furúnculo na cova do ladrão, tendo sido presos muitos salteadores da Calábria — (Havas).

Alemanha

Berlim, 29—Consta que Hitler vai professar.

Hindenburg, radiante, pediu a demissão, assumindo a chefia das tropas o futuro anacoreta.

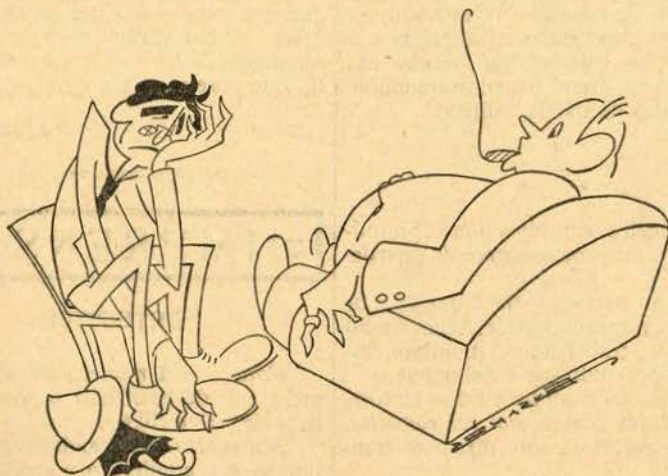
Pairou ontem, sobre cada capital, uma grande trovoadra, acompanhada de granizo e copiosa chuva.

O Governo vai proceder. — (Havas).

Rússia

Leningrado, 29—Confirma-se a notícia do fusilamento, durante cada semana, de 73:429 padres, 142:020 mulheres e 65:041 crianças.

Nesta tenebrosa lista não estão incluídos cerca de 74:2300 transeúntes, — todos peões do sexo masculino, — que inadvertidamente guardaram no seu corpo algumas balas de procedência duvidosa — (Havas).



— De maneira que, a-pesar-de teres comprado um cão, não dormes tranqüilo! Que temas que te rombem?

— O cão...

PEÇA E

OSTENSIVO
7/27/67



Primeiras representações

Teatro Rivoli

Água Fresca. Revista de Alvaro Machado, Diniz de Melo e Ataíde Perry, música de Lopes & Pontes.

Aos 19 dias do mês de Julho corrente, pelas 22 horas menos uns pózinhos, subia definitivamente o pano para a exibição da obra destes três confrades, adivinhando-se, na plateia, uma excelente disposição do Respeitável Público e suas Famílias.

O crítico da MARIA RITA, — jovem de aspecto desganhado e perfil helênico, — tinha os nervos calmos e o olhar sereno. E assim, mal o pano subiu, rapou do seu histórico caderno de apontamentos, preparando-se para observar tranqüila, mas severamente

A Peça

Os cartazes afirmam que a *Água Fresca* tem dois actos, — mas não é verdade. A peça tem três: dois no palco e um na orquestra. Contudo, a-pesar desta comprovada extensão, a *Água Fresca* é quimicamente pura, nada cálcica, transparente e de ingestão facilíma.

Como os leitores habituais da secção de anúncios dos diários não ignoram, a *Água Fresca* apresenta 28 quadros, — quasi tantos como uma exposição de pintura no Salão Silva Pôrto. Mas são tão agradáveis, tão saborosos, tão dignos do embotado paladar dos tripeiros de sexo definido ou cinéfilos, que o dôbro não nos macharia.

A MARIA RITA gostou. É certo que, de vez em quando, os seus olhares concupiscentes dirigiam os vacilantes passos até ao camarote onde Pires Fernandes Bey, sultão do Bonjardim, pontificava; mas um novo número de música surgia, saltitante e alegre, e MARIA RITA mergulhava de novo no «charme» aliciente da revista, como diria o nosso Juliano Ribeiro...

Boa, a *Água Fresca*? — Evidentemente. Gastamos toda a nossa provisão semanal de gargalhadas, e ainda trouxemos riso para casa, onde a patroa aguardava um ar da nossa graça...

Alvaro Machado, Diniz de Melo e Ataíde Perry bem merecem do Público a ovação que os consagrou definitiva e irrevogavelmente.

O desempenho

Tudo boa gente, — mas... *place aux dames!*

Maria Pires Marinho: — Muito pouco Pires e marinhando pela nassa alma cândida até à cova psíquica do ladrão. Um amor de voz, louvado seja o Supremo Arquitecto!

Comovida e pulcra na «Sonhadora».

Deolinda de Macedo: — Carnes brancas e mal passadas. Muito bem alimentada e capciosa. Na «Menina do telefone», até nos apetecia uma ligação — muito embora a linha estivesse impedida...

Celeste Leitão: — Encantadora de graciosidade alada nos «Papos-Secos». Mais celeste do que leitão.

Maria do Carmo: — Excelente menina que nos deu uma «Costureira» de molde a merecer o título de Rainha no próximo concurso dos B. V. P.

Daria Athos: — Num excelente tipo 10 de «Galinheiro», agradou aos gregos dos «Fauteuils» e aos troianos da geral.

Matilde e Sofia Costa: — Adoráveis. E agora passemos ao sexo actualmente frágil, — isto é, aos homens:

José Vitor	17 valores
Holbeche	14 »
Casimiro Rodrigues	13 »
João Guerra	14 »
Octávio Matos	20 »
António Mouchet	12 »
José Diniz	12 »
Carlos Cunha	12 »
Carlos Sampaio	15 »
Sebastião	13 »

A Música

Partitura agradável e assimilável. O Pontes passou à categoria de dita de dois taboleiros, e cá fora, no intervalo, toda a gente exclamava: — Ora o Lopes!

Guarda Roupa e Encenação

António Tavares fez a sua estreia oficial de encenador e venceu.

Ponto, êle? Isso vírgula. Agora é um Ponto . . e Vírgula . .

Indumentariada pelo nosso Jaime Valverde, a *Água Fresca* valorizou-se extraordinariamente.

Está provado que o Jaime sabe as linhas com que se cose . .

A' Ultima Hora

Os cartazes anunciavam 12 girls e 6 boys. Boys? — Oh! Não! — Apenas vimos seis vitelinhos interessantes . .

Sá da Bandeira

A Flor do Bairro. Opereta de Félix Bermudes e João Bastos, música de Wenceslau Pinto.

Sales Ribeiro é aquele moço de nariz inteligente e voz saúdável, que conhece de fio a pavio todo o repertório austríaco e tem apanhado mais palmas da plateia portuense que muitos elencos em conjunto. Reparece-nos, agora, mais magro e mais romântico, com um punhado de bons camaradas, a fazer teatro por sua conta. E, como era lógico, venceu.

A Peça

O espaço não nos permite delongas, mas a verdade é que *A Flor do Bairro* agradou em cheio. Os nossos João Bastos e Félix Bermudes percebem da poda, sabendo manobrar os cordelinhos da emoção e da graça como ninguém. A páginas tantas, todos os olhos riam a bandeiras despregadas e todos os lábios estavam orvalhados de pranto . .

O desempenho

Conforme os conselhos tantas vezes dados pelo papá, comecemos pelas formosas matronas que ornamentam o belo elenco da *Flor do Bairro*.

Margarida Ferreira: — Um mimo de frescura. **Fernanda Coimbra:** — Idem, aspas. **Maria Pinto:** — Atitudes cheias de graça bem portuguesa. **Deolindíssima de Sousa e Mercedes Gonzalez:** — Duas distinções com louvor. **Amélia Figueiroa:** — Endiabrada. **Laura Hirsch:** — Correctíssima.

Do outro sexo, principiaremos por **Sales Ribeiro:** — 20 valores. **António Gomes:** — 20 v. **Aurêlio Ribeiro:** — 20 v. **Mário Campos:** — 16 v. **Joaquim Ferreira:** — 15 v. **Fernando Isidro e Artur Andrade:** — 14 v. **Teodoro Santos:** — 16,7 v.

A música

Belíssima, a partitura de Wenceslau, executada e cantada por todos com amor, e dirigida primorosamente pelo nosso Bernardo Ferreira.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a visita de cumprimentos a esta redacção, do illustre actor António Gomes e Ex.^{ma} Espôsa.

Sarcey SENIOR.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A célebre opereta *O Solar dos Barrigas*.

Rivoli: A revista *Água fresca!*

S. João: O filme «Fox» *Chantage*.

Águia d'Ouro: O super-filme *Dentro da Lei*.

Trindade: O filme de gargalhada *Mulheres de todas as nações*.

Olimpia: O filme *Gente Alegre*.

Passos Manuel: O filme *Manolesco*.

Batalha: O super-filme *Anjos do Inferno*.

Ora aqui teem V. Ex.ª o verdadeiro SEMPRE-EM-PÉ



Como veem, é uma velhotinha muito simpática. A «peninha» era para disfarçar. E agora vamos ao resto:

Todos os concorrentes que, segundo a lista que hoje publicamos, alcançaram mais de dez pontos, inclusivé, terão de preencher o coupon abaixo, onde declararão, além do pseudónimo que usaram, o seu verdadeiro nome e morada, e o total de pontos que lhe foram arbitrados.

No próximo número da MARFA RITA serão separados os concorrentes por categorias, de acôrdo com o plano do concurso e os prémios arbitrados a cada categoria.

Nas categorias em que o número de concorrentes exceda o número de prémios, serão estes sorteados entre

aqueles, duma forma **absolutamente honesta e de facilíma fiscalização.**

COUPON

Pseudónimo

Nome

Morada

Número de pontos arbitrados

LISTA DOS CONCORRENTES

(CONTINUAÇÃO)

Flor e Margarida, Daniel Gomes, Amílcar Almeida de Oliveira, Lígia Bastos de Oliveira Marques, José Almeida Gonçalves, Angelo de Meneses, Zabel Zinha, Alto Certificânvio, Armindo Alpoim e Meneses, Fernando Avila, António Cândido Flores, Dr. João Beza, Manuel de Carvalho e Sousa, António Carneiro, Maria Teresa, Alfredo Valente Serrano, António Rodrigues da Graça, Maricas, José Amadeu Martins de Sousa, Manuel Simões de Figueiredo, Rosa Rocha, Maria Lucinda, Mário Luís Pereira, Conde de S. Gens, Julinho Moreira, Elizinha Pinto, Mário Luís Souto, Alice Santos, Maria Regina Mendes, Maria Celeste Pereira, Ludovina Pimba, Rita Saraiva, Gracinda Frias, Teresa Campos, Alberto Queiroz, Pedro Garcia, Florentino Moreira, Eduardo Silva, Cristiano Costa, Maria Rosa Lopes dos Santos.

Com 10 pontos:

José Alves Pinheiro, Durval Arnaldo Pereira de Brito (O casaquinhas), José Marques 6.º,

Artur Carvalho Júnior, Henrique H. Cruz, Luterio Lourenço Correia, Virgílio Mota Veiga, Napolpa, Humberto J. Branco, António Soares de Sousa, J. Rodrigues da Silva, António Carvalho, João do Minho, Maria Lygia Pereira, Manuel Alves, A. Baganha, José Baltazar Teixeira, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Rogério Pereira Braga, Henrique C. S. Martins, Estevão Hugo Aragão, Miss Esfinge, Zeca do Olho Preto, Barba Azul & C.ª L.ª, Maria Teresa, Joaquim Jorge Martins de Lima, Claustro Jaques d'Abre.

Com 9 pontos:

J. Leite, Armando Guedes Corvelo, Manuel Cardoso de Vasconcelos, António Carlos Miranda, Hugo Madureira da Fonseca, Alfredo Portugal de Brito, Manuel Lopes Pereira (Sepol), Joaquim da Silva Godinho, Maria da Conceição Mendes, J. Leste (Joaquim Teles Júnior), Maria Raquel Milhano, José Cura de Sousa Correia, Rafael da Silva Ribeiro, Delfim de Freitas, Manuel Mesquita, Afonso da Costa Carolo, Manuel

Garcia de Oliveira, Fernando Freitas Carneiro, Egídio Costa, Maria Rosa Plácido dos Santos.

Com 8 pontos:

Manuel Carvalho de Sousa, José de Sousa Marques, Luís Roseiro, Baltasar Ribeiro da Silva, Arnaldo Dias Teixeira, Joaquim António Guedes Carvalho, Adelai de Magalhães G. Ribeiro, J. Racié, António Lino Moreira, Eurico.

Com 7 pontos:

Fé, António Mendes Catraia Lemos, Carlos Antunes Barata, Joaquim Ferreira Fontinha, Eduardo da Silva Redondo, Francisco Gomes Moreira.

Com 6 pontos:

José dos Santos, Manuel Augusto Soares, Seb. Martins, Alfredo Amarante Monteiro (Amaranteiro).

Se algum dos concorrentes tiver alguma reclamação a fazer, quanto ao número de pontos arbitrados, terá de a mandar até quarta-feira próxima.

No próximo número notícia de sensação!... NOVO CONCURSO.